

RICK RIORDAN

A Marca de Atena

Os Heróis do Olimpo
— Livro 3 —

Tradução
Nuno Bombarda de Sá

 Planeta

Para Speedy
Os vagabundos são, muitas vezes, enviados pelos deuses.



CAPÍTULO 1

ANNABETH

Até ver a explosão da estátua, Annabeth pensava estar preparada para tudo.

A jovem percorrera várias vezes o convés do navio de guerra, o *Argo II*, para ter a certeza de que as catapultas estavam trancadas, confirmando, entretanto, que a bandeira branca com os dizeres «Vimos em paz» esvoaçava no mastro e revendo com o resto da tripulação o plano A, o plano B, o plano C e o plano D.

Mais importante ainda, Annabeth aproveitara a ocasião para dizer ao treinador Gleeson Hedge, que tinha a mania da guerra, que fosse para a sua cabina ver as repetições dos campeonatos de artes marciais mistas na televisão. Era o que lhes faltava, num trirreme grego mágico, a voar sobre um campo romano potencialmente hostil, ter um sátiro de meia-idade, de fato de treino, a agitar um cacete e a gritar «Morte!».

Parecia tudo em ordem. Até os misteriosos calafrios que sentia desde que o navio fora lançado se tinham dissipado.

A nave de guerra descia através das nuvens, mas Annabeth não conseguia deixar de perguntar a si própria se aquilo seria boa ideia! E se os romanos entrassem em pânico e os atacassem?

O *Argo II* não tinha um aspecto nada amigável com os seus sessenta metros de comprimento, o seu casco com placas de bronze a imitar arcos à proa e à ré, um dragão incandescente como figura de proa e duas catapultas rotativas a meia-nau, capazes de lançar explosivos com poder suficiente para atravessar uma placa de cimento armado. De facto não devia ser nada agradável receber uma visita com um tal veículo.

Annabeth tentara avisar os romanos. A jovem pedira a Leo que enviasse uma das suas invenções especiais – um pergaminho holográfico – para avisar os amigos dentro do campo. Felizmente a mensagem fora entregue. O rapaz quisera pintar uma mensagem gigante no fundo do casco – um rosto sorridente com a legenda *TU DOBEM?* –, mas Annabeth vetara a ideia, convencida de que os romanos não tinham sentido de humor.

Demasiado tarde para voltar para trás.

As nuvens abriram-se, revelando o tapete verde e dourado dos *Montes Oakland*. Annabeth agarrou-se a um dos escudos de bronze da amurada de estibordo.

Os seus três camaradas de tripulação ocuparam os seus lugares.

No tombadilho da popa Leo andava de um lado para o outro como um louco, verificando os instrumentos e as alavancas. Um qualquer piloto ficaria satisfeito com uma simples roda do leme, mas ele instalara um teclado, um monitor, os controlos de um *Learjet*, um *dubstep soundboard* e os sensores de movimento de um *Wii Nintendo*. O rapaz mudava de direcção carregando num sensor, disparava as armas recorrendo a um CD e erguia as velas com a ajuda dos controladores *Wii*. Leo era mesmo um ADHD, mesmo pelos padrões dos semideuses.

Piper andava de um lado para o outro entre o mastro grande e as catapultas, ensaiando as suas deixas.

– Baixem as armas – murmurava ela. – Só queremos falar.

O seu *charmspeak* era tão forte que as palavras fluíam sobre Annabeth, dando-lhe vontade de deixar cair o punhal e de ter uma conversa longa e agradável.

Com uns *jeans* esfarrapados, uns ténis gastos, um *top* branco da *Hello Kitty* e uma pena de águia nos cabelos castanhos entrançados, a jovem não fazia justiça a si própria como filha de Afrodite (Annabeth achava que era só para chatear, apesar de não ter a certeza).

E lá estava Jasão, à proa, onde os romanos o podiam ver com facilidade, com a mão a agarrar firmemente no punho da espada dourada, ao ponto de ter os nós dos dedos brancos, mas calmo, apesar de ter consciência de que estava a servir de alvo. Por cima dos *jeans* e da *T-shirt* laranja do Campo dos Bastardos o rapaz usava uma toga e uma capa roxa, símbolos do seu estatuto de pretor. Com os cabelos louros a esvoaçar ao vento e os gélidos olhos azuis, o rapaz tinha um ar rude e atraente, digno de um filho de Júpiter.

Jasão crescera no Campo Júpiter. Como tal era suposto que os romanos, ao verem o seu rosto familiar, hesitassem em bombardear o navio.

Apesar de não o dizer, Annabeth não confiava nele. O tipo era perfeito de mais, cumpria sempre as regras, fazia sempre o que estava certo. Até a aparência era demasiado perfeita. *E se isto for um truque e ele nos trair?*, pensou ela. *E se, ao chegarmos ao Campo Júpiter, ele disser: Ei, pessoal! Olhem para estes prisioneiros e para este navio bestial que eu trago!*

Annabeth duvidava, mas não conseguia olhar para ele sem sentir um sabor amargo na boca. Jasão fizera parte do «programa de intercâmbio» de Hera. Sua Irritante Majestade, Rainha do Olimpo, convencera os outros deuses de que os seus filhos – romanos e gregos – tinham de juntar forças para salvar o mundo das garras de Gaia, a deusa do mal, e dos seus filhos, os terríveis gigantes.

Sem aviso, Hera apagara a memória de Percy Jackson, o namorado de Annabeth, e enviara-o para o campo romano. Em troca, os gregos tinham ficado com Jasão. Este não tinha culpa de nada, mas sempre que o via, Annabeth lembrava-se de Percy e ficava com saudades.

Percy... que naquele momento devia estar debaixo deles.

O pânico subiu-lhe à garganta, mas ela conseguiu engoli-lo, consciente de que tinha de se controlar.

Eu sou filha de Atena, disse ela a si própria. *Tenho de me manter fiel ao meu plano. Não me posso distrair.*

A jovem, sentindo de novo aquele arrepio familiar, como se um boneco de neve demente se tivesse aproximado e lhe estivesse a respirar para a nuca, olhou para trás de si, mas não viu nada.

Talvez fossem os nervos. Mesmo num mundo de deuses e monstros, Annabeth não acreditava que um navio de guerra novo pudesse estar assombrado. O *Argo II* estava bem protegido. Os escudos de bronze celestial, ao longo da amurada, estavam enfeitados para repelir os monstros e se houvesse intrusos a bordo, Hedge, o sátiro, já os teria farejado.

Oxalá pudesse pedir ajuda à minha mãe, pensou Annabeth, consciente de que não era possível depois do encontro horrível que tivera com ela e do pior presente da sua vida...

O frio apertava cada vez mais. A jovem pensou ouvir uma voz fraca no vento, a rir. Os músculos retesaram-se-lhe, como se estivesse para acontecer qualquer coisa, e quase ordenou a Leo que invertesse o rumo, mas então ouviram-se umas trombetas no vale. Os romanos já os tinham avistado.

A jovem pensava que sabia o que ia encontrar, já que Jasão lhe descrevera o Campo Júpiter em detalhe, mas não queria acreditar no que os seus olhos viam. Cercado pelos Montes Oakland, o vale tinha, pelo menos, o dobro

do tamanho do Campo dos Bastardos. Um pequeno rio serpenteava por um dos lados e ia desaguar a um cintilante lago azul.

Mesmo por debaixo do navio, aninhada na orla do lago, a cidade de Nova Roma brilhava à luz do Sol. Annabeth reconheceu os pontos que Jasão lhe assinalara – o hipódromo, o coliseu, os templos e os parques, o Bairro das Sete Colinas com as suas ruas sinuosas, as suas *villas* coloridas e os seus jardins floridos.

A jovem também viu provas da recente batalha dos romanos contra um exército de monstros. A cúpula de um edifício, que ela supôs ser a Casa do Senado, estava rachada, a praça do Fórum cheia de crateras e algumas fontes e estátuas em ruínas.

Dúzias de miúdos, vestidos com togas, saíam da Casa do Senado para poderem ter uma vista melhor do *Argo II*, ao mesmo tempo que das lojas e dos cafés emergiam mais romanos, apontando para o navio de boca aberta.

Meia milha para oeste, onde as trombetas se faziam ouvir, via-se um forte romano no alto de um monte, igual às ilustrações que Annabeth vira nos livros de história militar, com uma trincheira defensiva, chuços, muralhas e torres de observação armadas com catapultas. No interior, filas de casernas brancas ladeavam a estrada principal – *A Via Principalis*.

Pelos portões saía uma coluna de semideuses na direcção da cidade, com as armaduras e as lanças a brilhar ao sol. No meio deles seguia um elefante de guerra.

Annabeth queria aterrar o *Argo II* antes que as tropas chegassem, mas o chão continuava a várias dezenas de metros de distância. A jovem perscrutou a multidão, na esperança de conseguir um vislumbre de Percy.

E foi então que qualquer coisa atrás dela fez *buum!*

A explosão quase a atirou borda fora. A jovem virou-se e viu-se cara a cara com uma estátua furiosa que aparecera sem mais nem menos no convés com um fumo amarelo a sair-lhe dos ombros e com umas cinzas a saltarem-lhe dos cabelos encaracolados. Da cintura para baixo a estátua não passava de um pedestal de mármore, mas da cintura para cima era uma figura humana musculada vestida com uma toga.

– Inaceitável! – guinchou ela. – Não admito armas no interior da Linha Pomeriana! – anunciou com voz de professor exigente. – E muito menos gregos!

Jasão lançou a Annabeth um olhar que dizia *Eu trato do assunto*.

– Sou eu, Término, Jasão Grace.

– Lembro-me muito bem de *tí*, Jasão – grunhiu a estátua. – E por isso mesmo pergunto como foste capaz de te meter com os inimigos de Roma!

– Eles não são nossos inimigos...

– É claro que não – alvitrou Piper. – Nós só queremos falar. Se pudéssemos...

– Não tentes o teu *charmspeak* comigo, minha querida. E baixa esse punhal antes que eu to tire!

Esquecida de que empunhava a arma, Piper olhou para ela.

– Hãã... está bem. Mas como mo ias tirar se não tens braços?

– Impertinência! – Ouviu-se um *POP* agudo e um lampejo amarelo. Piper gritou e o punhal, a fumegar e a faiscar, caiu-lhe da mão. – A vossa sorte é eu estar cansado – anunciou Término. – Se estivesse em condições, já teria tirado essa monstruosidade voadora do céu.

– Um momento! – exclamou Leo, agitando um controlador *Wii*. – Chamaste monstruosidade ao meu navio? Não acredito.

A ideia de que Leo pudesse atacar a estátua com o dispositivo electrónico bastou para que Annabeth saísse do estado de choque.

– Calma – disse ela, erguendo as mãos para mostrar que não tinha quaisquer armas. – Suponho que és Término, o deus das fronteiras. Jasão disse-me que proteges a cidade de Nova Roma. Eu sou Annabeth Chase, filha de...

– Eu sei quem és – disse a estátua, fixando-a com os olhos brancos. – Sei que és filha de *Atena*, a equivalente grega de Minerva. Escandaloso! Vocês, gregos, não têm a noção da decência. Nós, os romanos, sabemos qual é o lugar apropriado para *essa* deusa.

Annabeth cerrou os dentes. A estátua estava a dificultar-lhe a vida.

– Que queres dizer com *essa* deusa? E o que tem de escandaloso...

– Chega! – interrompeu-a Jasão. – Nós vimos em paz, Término, e queremos a tua autorização para aterrar para podermos...

– Impossível! – guinchou o deus. – Baixem as armas e rendam-se! Deixem imediatamente a minha cidade!

– Afinal o que fazemos? – perguntou Leo. – Rendemo-nos ou vamo-nos embora?

– As duas coisas! – respondeu o deus. – Rendam-se e depois vão-se embora. Dou-te uma bofetada por fazeres uma pergunta tão estúpida, rapaz ridículo! Sentiste?

– Uau – replicou Leo, estudando Término com interesse profissional, metendo a mão no cinto mágico de ferramentas, tirando uma chave de

fendas e subindo para o pedestal da estátua. – Estás muito tenso. Precisas de algum conserto? Posso dar uma olhadela.

– Pára com isso! – insistiu Término. Uma outra explosão fez Leo deixar cair a chave de fendas. – *Não* são permitidas armas no interior da Linha Pomeriana.

– A quê? – perguntou Piper.

– Limites da cidade – traduziu Jasão.

– E esse navio é uma arma! – acrescentou o deus. – Vocês não *podem* aterrar!

No vale viam-se os reforços da legião a caminho da cidade, enquanto no Fórum a multidão já era constituída por mais de cem pessoas. Annabeth perscrutou os rostos e... deuses, lá vinha ele a caminho da nave com os braços em volta dos ombros de mais dois miúdos, como se fossem os maiores amigos – um robusto rapaz com os cabelos pretos cortados à escovinha e uma rapariga com um elmo da cavalaria romana. Percy, com uma capa roxa igual à de Jasão, parecia tão à-vontade, tão feliz!

O coração de Annabeth desatou aos pulos.

– Pára a nave, Leo – ordenou ela.

– O quê?

– Ouviste o que eu disse. Mantém-na onde ela está.

Leo pegou no controlador e levantou-o no ar. Os noventa remos da nave imobilizaram-se e a nave parou de descer.

– Há alguma lei que nos proíba de pairar *sobre* Nova Roma, Término? – perguntou Annabeth.

– Bem, não... – respondeu a estátua, franzindo o sobrolho.

– Podemos manter a nave a flutuar – continuou a jovem. – Usaremos uma escada de corda para chegar ao Fórum. Dessa maneira o *Argos II* não estará tecnicamente em solo romano.

A estátua pareceu ponderar o assunto e Annabeth perguntou a si própria se ela não estaria a esfregar o queixo com mãos imaginárias.

– Eu gosto de tecnicismos, mas... – admitiu Término.

– As nossas armas ficarão todas a bordo – prometeu a jovem. – Suponho que os romanos, incluindo os reforços que marcham na nossa direcção, farão o mesmo.

– Claro! – respondeu o deus. – Achas-me com cara de tolerar infractores?

– Hãã... Annabeth – interrompeu Leo. – Achas que é boa ideia?

Esta cerrou os punhos para os impedir de tremer. A sensação de frio ainda não desaparecera, flutuava mesmo atrás dela, e como Término já não

gritava nem causava explosões, a jovem pensou ouvir a presença a rir, como se estivesse deliciada com as más escolhas que ela estava a fazer.

Mas Percy estava lá em baixo... tão perto... *Tinha* de falar com ele.

– Vai correr tudo bem – respondeu ela. – Não quero ninguém armado. Vamos falar de paz. Término fará com que ambos os lados acatem as regras.

– Annabeth olhou para a estátua de mármore. – Estamos de acordo?

– Suponho que sim – respondeu o deus, fungando. – Por agora. Podes descer pela escada de corda, filha de Atena. *Por favor*, tenta não destruir a minha cidade.